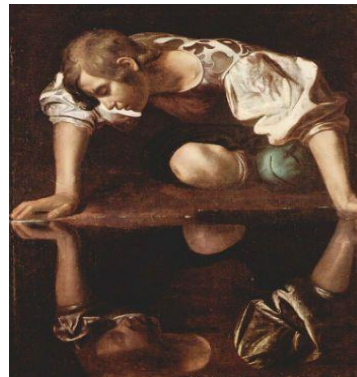


O ESTÁDIO DO ESPELHO E O DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DA CRIANÇA¹

Antônio Guinho²

Caravaggio)
“Quando eu te encarei frente a frente
não vi o meu rosto (...)
É que Narciso acha feio o que não é espelho”.
(Caetano Veloso)



O louco entrou na cidade gritando
"Perdi minha cabeça! Não encontro minha
cabeça"
Os cidadãos agarraram o homem
e o levaram diante do ancião.
O ancião mostrou um espelho ao homem.

"Encontrei!" ele gritou.
Todos os cidadãos riram
enquanto o louco deixava a aldeia
feliz com seu espelho.
(McCrorie)

¹ Texto apresentado em Intersecção Psicanalítica do Brasil-Recife, em 20 de setembro de 2019

² Antônio Guinho. Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil e de Interlocução em Desenvolvimento Infantil. antonioguinho@gmail.com

"Espelho mágico na parede, quem é a mais bela
de todas?"
("Magic mirror on the wall,
who is the fairest one of all?")
(Irmãos Grimm)



— Como estou?
Steve McQueen, em Papillon, prisioneiro
em solitária, questiona um colega
prisioneiro em outra cela sobre o estado de
espírito daquele que pergunta.

— Estou bonita, mainha?
Criança indaga à mãe sobre sua
aparência.

Olhe para mim!





Algumas considerações sobre o “estádio do espelho”

(

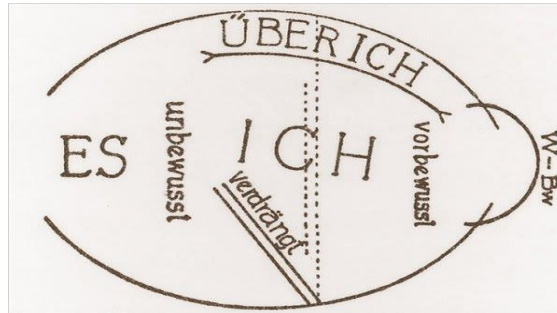
Serão aqui retomados e desenvolvidos alguns dos pontos contidos no texto “Um fosso entre os psicanalistas. O autismo e suas injunções” (GUINHO), apresentado na XXIV Jornada Freud Lacaniana, no Recife-PE, em 23.11.2018.

A concepção do “estádio do espelho” é introduzida por Lacan em 1936, durante o congresso da Associação Internacional de Psicanálise (IPA) em Marienbad, na atual República Tcheca, em que é interrompido no meio da apresentação (!) por Ernest Jones, discípulo e biógrafo de Freud.

Em 1949 Lacan apresenta ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em Zurique, “O estádio do espelho como formador da função do *eu* [aqui grafado em itálico] tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”. (Écrits, 1966)

Mas esse *eu* (je) a que Lacan se refere não é o mesmo eu freudiano (moi) bem como não é o ego de que trata Anna Freud em seu “O ego e os mecanismos de defesa” (1936). Esse eu ou ego se refere a processos conscientes (embora Freud reconheça nesse eu uma camada inconsciente), e lhe confere as funções de comando, de síntese e de integração. O *eu* a que se refere Lacan se trata do sujeito do Inconsciente. Por esse motivo esse *eu* se opõe à filosofia cartesiana do “Cogito, ergo sum” (je pense, donc je suis), “penso, logo sou”, já que tratando-se do sujeito do inconsciente, sua lógica aponta para “penso onde não sou”, portanto “sou onde não penso”. Se a verdade do sujeito está no Inconsciente, não será por meio do pensamento que se terá acesso a essa verdade.

“Aprendemos então, na esteira de Lacan, a descartar esse vocabulário do comando, para utilizar outro, o vocabulário da submissão, da sujeição, da determinação, e foi o que veio marcar, ordenar o termo, inédito em Freud, de sujeito. Com o sujeito substituindo o ego, pode-se dizer que é a própria concepção do que é inerente à psicanálise que girava 180 graus. Ali, onde o assunto era um ego, com supremacia a reforçar, eis que o caso era com um sujeito fundamentalmente submetido a uma estrutura em cuja realização se fazia empenho.” (MILLER)



É bom que se esclareça que Freud jamais utilizou em seus escritos as expressões Id, Ego e Superego, mas Isso, Eu e Supereu (Es, Ich e Überich). É James Strachey, seu editor e tradutor que encarna a máxima “traduttore, traditore” traduzindo termos simples, acessíveis a qualquer pessoa, por termos latinos reveladores de erudição.

Psicologia e etologia

Lacan parte dos seus estudos de Psicologia Comparada, onde se observa que o bebê já reconhece a sua imagem no espelho numa idade em que é superado em inteligência instrumental pelo chimpanzé. Essa experiência se expande numa série de movimentos na relação do seu corpo com as pessoas do seu meio, o que pode se produzir a partir dos seis meses. Totalmente imaturo, numa idade em que ainda dependente da amamentação, sem ter o controle da marcha e da postura ereta, é capaz de manobras inimagináveis para se rejubilar na contemplação da sua imagem no espelho, desenvolvendo um processo de identificação a essa *imago*. Quanto à possibilidade de o chimpanzé ter essa mesma autoconsciência ainda é um assunto controverso. (ARNOLD)

Em palavras muito simples o de que se trata é o seguinte: primeiramente o bebê enxerga a sua imagem no espelho, mas vê aí um outro, não a si mesmo. O bebê eventualmente procura esse outro, repetidas vezes, por trás do espelho e não o encontra. Por fim vem o insight: o bebê (do

espelho) é o mesmo bebê (ele próprio). As repercussões dessa apercepção, algo aparentemente irrisório, são imensas para o desenvolvimento psíquico do ser humano.

Lacan se vale de experimentos biológicos para demonstrar a maneira como uma imagem especular (uma Gestalt) é capaz de gerar efeitos formadores sobre o organismo, algo que à primeira vista poderia parecer fantasioso.

-(...) a maturação da gônada na pomba tem como condição necessária a visão de um congênere, não importa qual sexo - e uma condição tão suficiente que seu efeito é obtido pela simples colocação do indivíduo ao alcance do campo de reflexão de um espelho.

-(...) no gafanhoto migratório, a transição da forma solitária para a forma gregária, numa linhagem, é obtida ao se expor o indivíduo, numa certa etapa, à ação exclusivamente visual de uma imagem similar, desde que ela seja animada por movimentos de um estilo suficientemente próximo dos que são próprios à sua espécie.”

-(...) o mimetismo: significação do espaço para o organismo vivo.

Parece haver uma insuficiência orgânica na realidade natural, a ser completada pela experiência.

A função da *imago*, no estágio do espelho, seria, então, estabelecer uma relação do organismo com sua realidade, ou seja, do *Innenwelt* (mundo interior) com o *Umwelt* (meio ambiente).

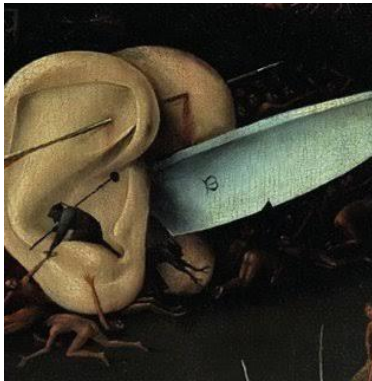
No ser humano as coisas parecem se complicar diante da demonstração, nos primeiros meses de vida, de visíveis e continuadas expressões de mal estar e de uma grande falta de coordenação motora, parecendo apontar para o nascimento prematuro de um ser anatomicamente inacabado. Algo a que os embriologistas chamaram de fetalismo ou fetalização, a presença ou persistência de certas condições pré-natais no corpo de um ser vivo após seu nascimento.

O estágio do espelho precipita o bebê dessa insuficiência para a antecipação “e fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do *Innenwelt* para o *Umwelt* gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do *eu*.” (LACAN, p. 100)

Nesse momento decisivo de júbilo na relação com a imagem corporal no espelho, realiza-se o que Lacan chamou de “a função da imagem especular”, em que essa imagem dá ao bebê a

dimensão de unidade, a sua e a dos objetos, e fornece a matriz da sua relação aos pequenos outros, seus semelhantes. Antes disso, há uma pré-condição, advinda da relação entre o bebê e os pais. A de que o bebê se reconheça como tendo um corpo.

“Lacan conferiu considerável importância a esse momento particular de reconhecimento, através do grande Outro, da imagem especular, um momento em que o bebê se volta para aquele que o conduz em um chamado para seu olhar, este Outro endossa a imagem que a criança percebe de si mesma no espelho.” (LAZNIK)



O corpo a que se refere Lacan, despedaçado, mostra-se regularmente nos sonhos, “quando o movimento da análise toca num certo nível de desintegração agressiva do indivíduo (...) sob a forma de membros disjuntos e de órgãos representados em exoscopia” (tecnologia de estudo da superfície das areias com utilização do microscópio electrónico de varrimento), “que criam asas e se armam para perseguições intestinas” (Hieronymus Bosch), bem como no organismo humano pela anatomia fantástica que se manifesta nos sintomas da esquizofrenia (divisão, clivagem, cisão do sujeito em relação à realidade) ou de espasmo da histeria. (LACAN, p. 100)



Grãos de minerais pesados de uma areia observados à lupa binocular

“Correlativamente, a formação do *eu* simboliza-se oniricamente por um campo fortificado, ou mesmo um estádio, que distribui da arena interna até sua muralha, até seu cinturão de escombros e pântanos, dois campos de luta opostos em que o sujeito se enrosca na busca do altivo e longínquo castelo interior, cuja forma (às vezes justaposta no mesmo cenário) simboliza o *isso* de maneira surpreendente. E, do mesmo modo, desta vez no plano mental, vemos realizadas essas estruturas de obra fortificada cuja metáfora surge espontaneamente, como que saída dos próprios sintomas do sujeito, para designar os mecanismos de inversão, isolamento, reduplicação, anulação e deslocamento de neurose obsessiva.” (p. 101)

Lacan dá ênfase especial à passagem do *eu* especular para o *eu* social.

Esse momento em que se conclui o estádio do espelho (aproximadamente aos 18 meses) inaugura, pela identificação com a imago do semelhante e pelo drama do ciúme primordial, (...) a dialética que desde então liga o *eu* a situações socialmente elaboradas.



Se o estilo de Lacan pode ser comparado a uma dura nós cuja casca tem que ser quebrada se quisermos saborear o seu fruto, o estilo de Winnicott pode ser comparado a uma maçã, que pode ser comida com casca e tudo, sem o mínimo esforço.

Se para Lacan o estágio do espelho se desenrola entre os seis e dezoito meses, para Winnicott o primeiro espelho que o bebê enxerga é o rosto da mãe ao amamentá-lo.

“No desenvolvimento emocional individual, o precursor do espelho é o rosto da mãe. (...) Sem dúvida, o artigo de Jacques Lacan, 'Le Stade du Miroir' (1949), me influenciou. Ele se refere ao uso do espelho no desenvolvimento do ego [na verdade do *eu*] de cada indivíduo. Lacan, porém, não pensa no espelho em termos do rosto da mãe do modo como desejo fazer aqui.” (...) “O que vê o bebê quando olha para o rosto da mãe? Sugiro que, normalmente, o que o bebê vê é ele mesmo.” (WINNICOTT, pp. 175 e 177)

A abordagem de Winnicott sobre a questão especular é um contraponto interessante ao estágio do espelho de Lacan.

Função de espelho do psicanalista

A função do psicanalista é colocar-se diante do analisante como uma folha em branco sobre a qual este escreverá a sua história ou, dizendo de outra forma, é colocar-se na condição de espelho onde o mesmo poderá se enxergar. Ou não. Porque nem sempre Narciso enxerga o espelho.

A negação da imagem insuportável

Antecipando Drumond, Freud afirmava que “no meio do caminho tinha uma pedra” no processo psicanalítico: a resistência à análise por parte do analisante. Diante dessa pedra, dizia Freud, nada havia a ser feito. Lacan, retomando Freud, retruca: há sim o que se fazer: esperar.

Uma analisante de cerca de 25 anos, estudante de Psicologia, que mantinha um amante, um homem casado, com aproximadamente a idade do seu pai, cerca de 50 anos, afirma certa vez numa sessão psicanalítica:

— Essa história de complexo de Édipo é uma invenção de Freud. Não acredito nisso. A única relação sexual com meu pai, que eu me lembre, foi quando no baile de aniversário dos meus 15 anos, ele me apresentou como a sua noiva.

Na sua condição de espelho o analista pontua:

— A única relação sexual com seu pai...

— Isso mesmo - responde a analisante sem se dar conta do que acabara de dizer - a única relação sexual com meu pai, que eu me lembre...

E discorre, com brilho nos olhos, sobre a cena em que o pai, num grande e conceituado clube da cidade, ao pé de uma escadaria, a apresenta como a sua noiva à seleta massa dos convidados.

Há um deslizamento da pontuação do psicanalista. Talvez por ter sido precoce, ou mesmo precipitada. A analisante não estava pronta para acolher uma possível interpretação do seu enunciado. “No meio do caminho tinha uma pedra”.

Seguindo o conselho de Lacan, o analista espera. Algum tempo depois, seis meses, talvez, o mesmo diálogo reaparece, como comumente ocorre, inúmeras vezes, num processo psicanalítico.

— A única relação sexual com meu pai, que eu me lembre, foi quando no baile de aniversário dos meus 15 anos, ele me apresentou como a sua noiva.

Novamente o analista pontua:

— A única relação sexual com seu pai...

Novamente a pontuação desliza.

Algum tempo depois, talvez mais seis meses, o mesmíssimo diálogo se repete.

— A única relação sexual com meu pai...

Na função de papagaio, além da função de espelho, o analista pontua com as mesmíssimas palavras.

— A única relação sexual com seu pai...

Com o olhar distante, reflexivo, diz a analisante:

— A única relação sexual com meu pai... Eu falei assim? É, eu disse isso. Realmente eu disse. Mas o que eu quis dizer mesmo é que a única coisa que poderia ter alguma conotação leve de sexualidade, isto é, relativa a sexo, que eu me lembre, com meu pai...

E aí, toda embaralhada, titubeante, tenta explicar o seu ato falho. Mas dá-se o insight, o reconhecimento da sua paixão ardente pelo pai, dando início a uma farta e repetida descrição de como o seu pai era um homem muito bonito, esguio, sensual, bem humorado, bem sucedido na vida, ou seja, tudo o que àquela época uma mulher desejaria ter em um marido.

Desta vez Papageno teve mais sorte. O fruto estava maduro, pronto para a colheita.

— Puxa vida - diz a analisante - Freud tinha razão. O complexo de Édipo existe...

Narciso se reconhece no espelho

Outra analisante, que arrastava uma relação amorosa mal sucedida há cerca de cinco anos, sem encontrar um meio de dela se desvencilhar, comenta:

— O pior de tudo é que quando eu entrei nessa encrenca, já o conhecia muito bem. Não foi uma novidade para mim. Eu já o conhecia. Eu já sabia que ia ser assim! Eu já sabia!

Novamente, o analista, qual Papageno, pontua:

— Você já sabia...

Neste caso, a analisante estava pronta para ouvir a sua própria voz, para enxergar-se naquele espelho.

— Eu já sabia? Eu já sabia? Eu disse isso? Eu disse que já sabia? Meu Deus, eu disse, sim. Eu já sabia!

A analisante nunca soube que já sabia. Só naquele momento o reconheceu. A função do analista estava cumprida.

Momento de concluir

O sujeito humano, que se constitui alienado no Outro, carregará para sempre a marca da alienação, do especular na relação com o outro. Quem ele vê no outro é a si mesmo. Isso que ele enxerga em si mesmo é, na verdade um outro, um grande Outro. Vendo no rosto da mãe a própria imagem (Winnicott) ou não reconhecendo a própria imagem no espelho (Lacan), o sujeito humano estará sempre alhures, em outro tempo, em outra cena. É como se entre ele e o mundo se interpusesse uma miríade de imagens transparentes superpostas, imagens das inúmeras experiências vividas, fazendo com que ele capture do cenário à sua frente apenas uma tênue e irreconhecível sombra, sempre distante da realidade objetiva. O que ele acha que vê no mundo é pura fantasia, quando não, delírio, ou mesmo alucinação. Não percebe o mundo, mas o alucina, o delira ou, na melhor das hipóteses, o fantasia. O que se vê no *Umwelt* (ambiente, realidade externa) é, na verdade, o *Innenwelt* (mundo interior). O mundo é a mente.

O que se vê nessa imagem?



De que se trata: maçã, iogurte, pêssego.

Referências

ARNOLD, Carrie.

https://www2.uol.com.br/sciam/noticias/macacos_em_frente_ao_espelho.html

FREUD, Anna. O eu e os mecanismos de defesa. (Das Ich und die Abwehrmechanismen. Int. Psychoanal. Verlag, 1936).

GUINHO, Antônio. Um fosso entre os psicanalistas. O autismo e suas injunções. Texto apresentado na XXIV Jornada Freud Lacaniana, no Recife-PE, em 23.11.2018.

https://docs.google.com/document/d/1aG_Pv7YGejPFelgYMwApu24QxJpP_X5KWWf-AXNM04

LACAN, Jacques. “O estádio do espelho como formador da função do *eu* tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”. Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949. Escritos (1966). RJ: Jorge Zahar Editor, 1998, p 96-103. Trad. de Vera Ribeiro.

———. O Seminário, livro 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise (1954/1955). Texto estabelecido por Jacques-Aïain Miller, 2ª edição. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.

LAZNIK, Marie-Christine. Lacan et l'autisme. La revue lacanienne, 81-90

2013/1 (Nº 14)

<https://www.cairn.info/revue-la-revue-lacanienne-2013-1-page-81.htm>

MILLER, Jacques-Alain. Curso: “O parceiro-sintoma”, em 26 de novembro de 1997. Tradução do Dr. Luiz de Souza Dantas Forbes. Revista de Psicanálise e Cultura – Dora, Ano 1 – nº 1 – 1998.

<http://www.psicanaliselacanianana.com/estudos/serlacaniano.html>

McCRORE, Ian. A lua aparece quando as águas se acalmam. Pariyatti Press, Onalaska, WA, USA, 2015.i

ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise,

Jorge Zahar Ed. Ltda. 1997/1998.

WINNICOTT, Donald. O brincar e a realidade. Imago editora, Ltda, RJ,/ 1975(1971).